

13º Seminário

do_co,mo,mo_
brasil

Salvador – BA
7 a 10 de outubro de 2019



LEITURAS COMPARADAS DE ARQUITETURA: A RESIDÊNCIA LOTA DE MACEDO SOARES PELO OLHAR DA CRÍTICA E PELA ESCRITA DE ELIZABETH BISHOP

**Eixo Temático: História e Historiografia da Arquitetura e do Urbanismo Modernos no
Brasil**

**Helio Herbst, Professor Doutor, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro,
helioherbst@hotmail.com**

Resumo

A presente comunicação pretende investigar diferentes processos de construção historiográfica valendo-se da recepção crítica de um projeto icônico de Sérgio Bernardes: a residência Lota de Macedo Soares. Em um primeiro bloco são examinadas resenhas veiculadas sobre o projeto em diversos periódicos especializados, a partir dos quais se configura a nascente historiografia da modernidade arquitetônica brasileira. No segundo bloco lado, a residência é revisitada no compêndio **Modern Architecture in Brazil**, de Henrique Mindlin (1956), e nas narrativas de Elizabeth Bishop (1911-1979), companheira da proprietária e testemunha dos processos de concepção e fatura do projeto. Nos escritos da poeta norte-americana e, mais precisamente, em extratos de cartas e poemas, interessa-nos examinar afinidades e dissonâncias em relação aos modelos historiográficos produzidos nas décadas de 1950 e 1960. A análise destes registros se fundamenta em enunciações de Walter Benjamin, observando-se de que maneira as experiências cotidianas, agrupadas em unidades significativas, podem ampliar a percepção fenomênica.

Palavras-chave: modernidade, narrativa, subjetividade

Abstract

This paper intends to examine different processes of historiographical construction using the critical reception of an iconic project by Sérgio Bernardes: the house of Lota de Macedo Soares. In a first block it is examined reviews on the project published in several specialized periodicals, from which the nascent historiography of Brazilian architectural modernity is configured. In the second block, the residence is revisited in Henrique Mindlin's compendium **Modern Architecture in Brazil** (1956) and in the narratives of Elizabeth Bishop (1911-1979), companion of the owner and witness of the achievement processes of the project. In the writings of the north-American poet and, more precisely, in the accounts of her work in letters and poems, it is examined the affinities and dissonances in relation to the consecrated historiographical models produced in the 50s and in the 60s. The analysis of those textual extracts is based on the statements of Walter Benjamin, observing how daily experiences, grouped in significant units, can extend the phenomenological perception.

Keywords: *modernity, narrative, subjectivity*

13º Seminário

do_co,mo,mo_
brasil

Salvador – BA
7 a 10 de outubro de 2019



LEITURAS COMPARADAS DE ARQUITETURA: A RESIDÊNCIA LOTA DE MACEDO SOARES PELO OLHAR DA CRÍTICA E PELA ESCRITA DE ELIZABETH BISHOP

Introdução

A presente comunicação pretende examinar diferentes processos de construção historiográfica valendo-se da recepção crítica de um reconhecido projeto de Sérgio Bernardes: a residência Lota de Macedo Soares. Em um primeiro bloco são examinadas resenhas veiculadas sobre o projeto nos periódicos especializados, a partir dos quais se configura a nascente historiografia da modernidade arquitetônica brasileira. No segundo bloco lado, a residência é revisitada no compêndio **Modern Architecture in Brazil**, de Henrique Mindlin (1956), e nas narrativas de Elizabeth Bishop (1911-1979), companheira da proprietária e testemunha dos processos de concepção e fatura do projeto. Nos escritos da poeta norte-americana e, mais precisamente, em extratos de cartas e poemas, interessa-nos examinar afinidades e dissonâncias em relação aos modelos historiográficos produzidos nas décadas de 1950 e 1960.

A primeira parte deste estudo coloca em relevo diferentes modos de produção e recepção dos discursos, sendo a historiografia entendida a partir de divergentes interpretações, evidências, documentos e métodos de apresentação. O estudo do próprio historiador, visto como objeto de investigação, também deve ser considerado, porquanto expande os horizontes da pesquisa. Valendo-se de tais premissas são analisados artigos publicados nas revistas **Acrópole**, **AD Arquitetura e Decoração**, **Arquitetura e Engenharia**, **Brasil Arquitetura Contemporânea**, **Habitat**, **L'Architecture d'Aujourd'Hui** e **The Architectural Review**, sendo as duas últimas editadas na França e na Grã-Bretanha, respectivamente, e todos os demais periódicos brasileiros.

A segunda parte do artigo investiga o modo de inserção do projeto no supramencionado compêndio de Henrique Mindlin, considerado um dos primeiros manuais sobre a produção arquitetônica moderna brasileira. Levando-se em conta a importância desta publicação para a consagração de um discurso interpretativo, são lançadas considerações sobre a inserção da residência nos relatos de Elizabeth Bishop, tendo como objeto de estudo extratos de cartas e poemas produzidos entre 1951 e 1967, ou alusivos ao período em que a escritora ali reside com a sua companheira Maria Carlota Costallat Macedo Soares (1910-1967), mais conhecida como Lota.

Por meio desse objeto e recorte, almeja-se investigar de que modo as narrativas de Bishop fornecem aproximações dissonantes ao fazer historiográfico canônico, na medida em que são inundadas por questões biográficas e, portanto, assumidamente parciais e subjetivas. Ao se estabelecer paralelos entre enunciações tão distintas, não se busca identificar qualquer filiação acadêmica para as digressões da poeta, classificando o seu pensamento em um determinado rótulo. Nem muito menos questionar, no outro extremo, a validade das proposições formuladas pelos críticos de arquitetura. Bishop acompanha as discussões do meio acadêmico do seu tempo, mas nem por isso pauta a sua produção a partir de uma vertente teórica predeterminada.

Exatamente em decorrência dos motivos expostos, interessa-nos ressaltar, em Bishop, a construção de um fazer poético fincado na relação inexorável entre afeto e lugar. Nesse recorte sensível, pouco comprometido com a linearidade cronológica, pretende-se investigar a conquista de uma existência afirmativa e necessariamente relacionada com a moradia. A análise dos extratos textuais se fundamenta em enunciações de Walter



Benjamin, observando-se de que maneira as experiências cotidianas, agrupadas em unidades significativas, ampliam a percepção fenomênica. Também se examina o papel da rememoração como um imperativo necessário à articulação entre passado e futuro, tornando possível um “conhecer” perspectivo, análogo a um mosaico de imagens.

Este olhar multifacetado ressalta o colorido das cenas e os detalhes menosprezados ou simplesmente ignorados pelo discurso oficial ou dominante. Assim procedendo, talvez seja possível sustentar, na escrita da poeta, uma sólida interlocução com os métodos empregados pelo narrador sucateiro descrito por Benjamin, o *Lumpensammler*, que constrói suas imagens a partir de restos e rebotalhos. Tal narrativa não objetiva reunir grandes feitos, mas tão somente rememorar um “tempo de agora” [*Jetztzeit*] capaz de convocar o passado e vislumbrar o futuro.

Em outras palavras, este artigo visa examinar, em Bishop, a construção de uma narrativa que faz emergir uma representação, no sentido benjaminiano, apta a estimular uma “propedêutica mediadora do conhecimento”, conforme sentença o filósofo na seção N1a do livro das **Passagens**. Decifrar as informações e expressá-las em imagens carregadas de desejo constitui, para ambos, possibilidade de sublimar os impasses do cotidiano.

As análises formuladas sobre a residência também se apoiam em considerações lançadas nos ensaios “O narrador: reflexões sobre a obra de Nikolai Lesskov” e “Experiência e pobreza”. No primeiro, Benjamin estabelece uma diferenciação entre narrativa e informação, sendo a informação reconhecida como mero relato e a narrativa um processo de sobreposição lenta de camadas finas e transparentes com as quais os leitores de diferentes tempos históricos podem elaborar suas próprias reflexões. Narrativa pressupõe, pois, experiência e nela se “imprime a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso” (BENJAMIN, 1987, p. 205). O segundo texto apresenta uma percepção desalentada da modernidade e por tal disposição estabelece um profícuo contraponto para as discussões sobre a residência da poeta em Petrópolis.

Em oposição à intensa produção de cartas, que ultrapassa a casa dos milhares, a fatura poética de Bishop reúne uma centena de poemas. Mas isso não implica em nenhum demérito, pois neles trabalha à exaustão para encontrar a métrica exata, a sonoridade perfeita, a palavra mais apropriada. Não raro, transcreve em versos imagens do seu cotidiano, colocando-se em diferentes papéis dentro das cenas, ora como sujeito da ação, ora como personagem. Com bastante frequência, sua narrativa não se fixa em um tempo linear ou cronológico, evocando acontecimentos de momentos distintos, sem necessariamente ater-se às suas próprias vivências. “É preciso haver a conjunção de uma infinidade de coisas – livros esquecidos, ou quase esquecidos, os sonhos da noite passada, experiências de outrora e de agora – para fazer um poema”. (BISHOP, 2012, p. 682)

As alegrias e dissabores descritos em seus textos estabelecem interlocução com uma famosa proposição da seção N1a, 8 do livro das **Passagens**, de Walter Benjamin (2007, p. 502): “Não tenho nada para dizer. Apenas para mostrar. Não sursurpiarei coisas valiosas [...]. Porém, os farrapos, os resíduos: não quero inventariá-los, e sim fazer-lhes justiça da única maneira possível: usando-os.”

Cabe aqui sublinhar, parafraseando João Barrento (2013, p. 94), que Benjamin apresenta uma humanização que torna a cidade a morada possível do homem moderno e também o seu inferno, lugar de tipos humanos “heroicos” (a prostituta, o *flâneur*, a lésbica, o delinquente) que lutam contra a massificação e a mercantilização. Por esse viés, pode-se inferir que os aportes benjaminianos contribuem para a leitura de Bishop, na medida em que fundamentam, a despeito de todas as diferenças, um elo comum interpretativo, no qual a



narrativa não fornece respostas para os dilemas da humanidade, mas tão somente recortes do cotidiano.

A leitura da cidade por meio de imagens, estabelecidas no limiar entre o consciente e o inconsciente, faz emergir a mentalidade de uma época. Benjamin e, quiçá, Bishop, enquanto historiógrafos, partem da superfície, da epiderme de sua época, para estudar a *fisiognomia* das cidades, isto é, sua feição e aparência. No entender de Willi Bolle (1994, p. 43-44), tal *fisiognomia* se configura na cultura do cotidiano, a partir de imagens do desejo e fantasmagorias, resíduos e materiais aparentemente insignificantes. Decifrar as imagens e expressá-las em imagens “dialéticas” constitui, para ambos, possibilidade de produção de conhecimento.

A paisagem constitui elemento de fundamental importância para a construção literária de Elizabeth Bishop e corrobora para o emprego de signos verbais e visuais. Em sua produção poética, a norte-americana recorre a figuras de linguagem, como a metáfora e a metonímia, com o objetivo de conferir um caráter de maior plasticidade e também para expressar por meio partes a totalidade das imagens. A visualidade serve, assim, como princípio criativo e por esse viés estimula a formulação de ideias, conforme observa Silvia Anastácio (1999).

Benjamin, por sua vez, prescinde da segurança do instrumental linguístico e conceitual dos sistemas filosóficos para “pensar a contrapelo”, utilizando, no entender de Barrento (2013, p. 42), um método mais imagético do que conceitual, sem separar “o pensamento da forma do pensamento” e, sobretudo, escolhendo “o limiar, a fronteira, o lugar-entre”, como objeto privilegiado das suas reflexões.

Assim, ao se estabelecer interlocuções entre Bishop e Benjamin, pode-se reconhecer que a construção de imagens produz uma visibilidade [*Anschaulichkeit*] que não busca apresentar uma totalidade e nem tampouco a verdade. Essa visibilidade tão somente pretende conformar recortes com os quais são compostos os relatos de diversas questões que acerbam a modernidade, na arquitetura e urbanismo, inclusive.

“Razão”

A primeira parte desta comunicação examina diferentes modos de produção e recepção das narrativas historiográficas, tendo como suporte o estudo a recepção, na acepção cunhada por Hans Robert Jauss, da residência Lota de Macedo Soares pela crítica especializada. Interessa-nos, portanto, verificar de que modo se configura a historiografia da modernidade arquitetônica brasileira, levando-se em conta diferentes leituras do objeto selecionado para análise e o papel dos críticos neste processo, também vistos como objeto de investigação. Deste modo, a análise dos artigos, à luz da Estética da Recepção, pretende ressaltar os atributos e as ênfases concedidas às soluções do projeto arquitetônico. Em outras palavras, visa identificar o *efeito* e o *horizonte de expectativas* a partir dos quais a crítica especializada constrói os seus parâmetros avaliativos. No caso da obra selecionada, muitas vezes apoiando-se no impacto proporcionado pela exibição e premiação do projeto na segunda Bienal paulistana (1953/1954).

A residência Lota de Macedo Soares constitui tema de oito artigos publicados em revistas de arquitetura nas décadas de 1950 e 1960, dentre os quais se inscrevem duas antologias críticas sobre a produção de Sérgio Bernardes, conforme mostra a tabela 1.



Nome da publicação	Número da publicação	Mês da publicação	Ano da publicação	Numeração das páginas
Habitat (antologia crítica)	7	abril/ junho	1952	11-17
L'Architecture d'Aujourd'Hui	42-43	agosto/ setembro	1952	70-71
L'Architecture d'Aujourd'Hui	49	outubro	1953	99
AD Arquitetura e Decoração	09	janeiro/ fevereiro	1954	não paginado
The Architectural Review	687	março	1954	162-167
Arquitetura e Engenharia	29	novembro/ dez	1954	não paginado
Brasil Arquitetura Contemporânea	4		1954	14-16
Acrópole (antologia crítica)	301	dezembro	1963	1-19

Tabela 1: Inserção da residência Lota de Macedo Soares nos periódicos especializados (1950-1960)

Lina Bo Bardi e Pietro Maria Bardi fundam **Habitat** em 1950 e nela veiculam experiências adquiridas nos periódicos italianos **Domus** e **Quadrante**. Inicialmente a revista é dirigida por Geraldo Serra e editada por Rodolfo Klein. Lina comanda a seção de Arquitetura e Pietro a de Artes Plásticas. Em 1952, ano de publicação da primeira matéria sobre a residência Lota de Macedo Soares, **Habitat** passa a ser distribuída em jornais. Dois anos depois, Klein concebe uma ampla reformulação editorial, pautada pela manutenção das seções de Arquitetura e Artes Plásticas, agora chefiadas por Geraldo Ferraz e José Geraldo Vieira, e pela extinção das divisões de Literatura e Teatro, acompanhadas de progressiva redução de matérias sobre cinema, design e fotografia. Ainda que as ações empreendidas pelo proprietário e diretor responsável tenham modificado os parâmetros gerais da publicação, não são percebidas alterações substanciais na leitura dos projetos arquitetônicos (STUCCHI, 2006).

A antologia dedicada a Sérgio Bernardes é antecedida por nota introdutória assinada por Oswaldo Correa Gonçalves. Nela, o homenageado é apresentado como um homem apaixonado por automóveis de corrida e arquitetura, dotado de capacidade para simplificar, “de maneira extraordinária, os materiais adotados na construção [...] e na pré-fabricação”. (GONÇALVES, 1952, p. 14) A leitura crítica sobre a obra de Bernardes exalta as soluções construtivas, sendo representativo deste enfoque a reprodução do memorial descritivo da residência Lota de Macedo Soares, provavelmente redigido pelo próprio autor do projeto. O texto explica detalhadamente a estrutura pré-fabricada em vergalhão redondo utilizado em pilares e vigas, sobre os quais se apoia a cobertura em chapa metálica recoberta em sapé [não executado], de tal modo a possibilitar circulação permanente de ar. Com isso, Bernardes acredita ter reunido rapidez, economia de recursos e facilidade construtiva, além de obter “excelente” resultado estético, em perfeita harmonia com a paisagem local.

L'Architecture d'Aujourd'Hui é um periódico de larga difusão criado em 1930 por André Bloc e Pierre Vago com o propósito de aproximar a atuação de arquitetos e engenheiros. Segundo Leonardo Benevolo (1998, p. 556-557), **AA** se declara como uma revista imparcial, diversa “das revistas de tendências que circulam somente entre os iniciados”. Deste modo, a superação da dicotomia expressa pelos manifestos de vanguarda exige um posicionamento neutro, formulado “à luz dos princípios eternos da arquitetura”¹. Com o desfecho da Segunda Grande Guerra, **AA** coloca-se em defesa da produção arquitetônica francesa e,

¹ **L'Architecture d'Aujourd'Hui**, n. 5, 1933, p. 120 apud BENEVOLO, 1998, p. 557.

13º Seminário

do_co_mo_mo_
brasil

Salvador – BA
7 a 10 de outubro de 2019



mais particularmente a de Le Corbusier, orientada em direção aos problemas de ordem plástica. Bloc entende que a criação arquitetônica e urbanística deve gravitar em torno de uma concepção articulada, dentro de um processo de síntese ou integração das artes. A fim de ampliar o ambiente de reflexão, **AA** expande suas articulações ao largo dos anos 1950 e passa a contar com um comitê de patronagem composto por Alvar Aalto, Fernand Léger, Frank Lloyd Wright, Josep Lluís Sert, Oscar Niemeyer, Siegfried Giedion e Walter Gropius, entre outros. (MIRANDA, 1998, p. 208-209)

Possivelmente em busca de novos referenciais, **AA** publica a residência Lota de Macedo Soares em duas diferentes matérias, em agosto de 1952 e em outubro de 1953. A primeira ocorrência corresponde à edição especial dedicada ao Brasil. Neste momento, a revista continua sob direção de André Bloc, assistido por Pierre Vago, como presidente do comitê de redação, e por Alexandre Persitz, no encargo de redator chefe, assistido por Renée Diamant-Berger, secretária de redação. A seleção e edição dos artigos deste número especial contam com a assessoria da arquiteta Guiseppina Pirro de Moreira, correspondente da revista no Brasil e esposa de Jorge Machado Moreira, e do arquiteto Gérald Hanning, antigo colaborador de Le Corbusier.

As resenhas sobre as obras são distribuídas em três subtemas. O primeiro deles, intitulado “O homem, o país e arquitetura”, é aberto com ensaios de José Lins do Rego e Siegfried Giedion; no segundo, denominado “Dez anos de arquitetura”, são veiculados ensaios de Milton Roberto e Vinicius de Moraes, sendo os artigos agrupados nas categorias Construções Industriais, Edifícios de Escritórios, Turismo, Edifícios de Apartamentos, Habitações Individuais, Cataguazes (sic), Construções Hospitalares, Edifícios Culturais e Construções Esportivas; no terceiro subtema, “Projetos e realizações [de] 1952”, encontram-se incluídas uma terceira resenha de Giedion e uma seleção bibliográfica sobre o Brasil.

Entre as obras que integram a seleção especial são incluídos diversos projetos expostos na primeira Bienal, em processo intermediado pela diretoria do MAM/SP, conforme atestam documentos localizados no Arquivo Histórico Wanda Svevo da Fundação Bienal de São Paulo (HERBST, 2011). Inexplicavelmente, porém, não se insere nesta seleção o Conjunto Residencial do Parque Guinle, de Lucio Costa, e a residência de Oswaldo Arthur Bratke, destaques da categoria habitacional; a Fábrica Duchon, de Oscar Niemeyer, premiada na categoria Edifício de Uso Industrial; o Ginásio de Sorocaba, de Ícaro de Castro Mello, o Pavilhão Refeitório, de Jorge Ferreira, e a Maternidade Universitária, de Rino Levi, distinções da categoria Edifício de Uso Público. Nenhuma obra de Flávio de Carvalho e de Gregori Warchavchik, expostas dentro do núcleo “História de Pioneiros”, integra a seleção de projetos da revista francesa, o que denota um determinado viés interpretativo para a afirmação da modernidade brasileira, que prescinde da contribuição destes dois expoentes.

Em tal construção narrativa, decisivamente difundida por Philip Goodwin em **Brazil Builds** (1943), a arquitetura moderna brasileira se afirma a partir da disseminação do ideário corbuseriano plasmado no projeto do Ministério da Educação e Saúde Pública. Os textos introdutórios de Bloc, Giedion e Lucio Costa corroboram esta trama, ainda que Costa assinala a contribuição da Bauhaus e as lutas empreendidas por Gregori Warchavchik e o espírito inovador de Flávio de Carvalho, sem contudo atribuir aos dois arquitetos um papel decisivo para a consecução deste processo. Com base no exposto, talvez seja plausível afirmar que os três ensaios introdutórios de **AA** procuram delinear um percurso historiográfico *operativo* que, segundo Montaner (2000, p. 34-35), assimila idealismo e



progresso com os aportes das teorias psicológicas da percepção e da pura visualidade, que sustentam o conceito plástico do espaço moderno².

A edição especial de **AA** destaca, no projeto de Bernardes, a inusitada associação de materiais e técnicas construtivas, vernaculares e industrializadas, e o desnivelamento do solo como eficiente estratégia para garantir a distribuição do programa de necessidades em um único pavimento. O artigo assinala a complexidade do programa e a “pureza do plano” sem mencionar o caráter híbrido de sua utilização, por um lado, e as possíveis interlocuções estabelecidas com a gramática formal e com a tectônica das obras de Mies van der Rohe, por outro. A segunda matéria da revista francesa, veiculada em outubro de 1953 não chega a constituir uma contribuição relevante, na medida em que inscreve a mesma planta baixa e as mesmas fotografias publicadas no ano precedente, sem incluir resenha crítica.

AD Arquitetura e Decoração publica, em janeiro de 1954, um terceiro artigo sobre a residência Lota de Macedo Soares. O periódico, fundado em São Paulo em 1953, mantém estreita aproximação com o Museu de Arte Moderna de São Paulo e com a seção paulista do Instituto de Arquitetos do Brasil, evidenciada pelas participações de Abelardo de Souza, Ícaro de Castro Mello e Oswaldo Correa Gonçalves no Conselho Técnico e pela atuação de Eduardo Corona no encargo de Diretor Técnico. A contribuição de **AD** é decisiva para a difusão da arte concreta, em resenhas elaboradas por Décio Pignatari e Waldemar Cordeiro³. Também é notório o engajamento político expresso em diversos artigos assinados por João Baptista Vilanova Artigas⁴.

A resenha [não assinada] sobre a residência Lota de Macedo Soares menciona a conquista do prêmio na segunda Bienal e enaltece “o emprego racional e ao mesmo tempo lírico dos materiais de construção, dentro de um espírito de contínua pesquisa.” (**AD**, n. 9, jan./fev. 1955) Também ressalta a distribuição dos ambientes em alas, de tal modo a proporcionar máxima privacidade aos dormitórios de hóspedes em relação às dependências de uso exclusivo da proprietária.

The Architectural Review é um periódico fundado em 1896 e inicialmente devotado à produção britânica. Na década de 1930, sob direção de Nikolaus Pevsner, problematiza a questão do racionalismo na produção moderna. Ao longo das décadas de 1940 e 1950, notabiliza-se pelo debate dos rumos da arquitetura do pós-guerra, reconhecendo paralelos entre a produção inglesa e a brasileira, no que se refere às possibilidades de assimilação de elementos da tradição vernacular, ainda que sejam apontadas distinções entre os modos de interpretação do passado e retomadas as acusações lançadas por Max Bill, quando de sua passagem pelo Brasil em 1953, contra o excessivo formalismo da arquitetura brasileira⁵.

² A construção da *historiografia operativa* se apoia em uma narrativa determinista e maniqueísta que associa o historicismo de Hegel, com sua ideia de progresso e de espírito do tempo, às contribuições da pura visibilidade defendida, entre outros autores, por Laszlo Moholy-Nagy e Siegfried Giedion.

³ Cordeiro assina, entre outros, os artigos “A arte concreta e o mundo exterior”, **AD**, n. 23, maio/jun. 1957; “Arte, arquitetura e vida”, **AD**, n.26, dez. 1957; e “O concretismo e o problema da organização da cultura”, **AD**, n.22, mar./abr. 1957. Pignatari contribui para a discussão com os artigos “Arte concreta: objeto e objetivo”, **AD**, n. 20, nov./dez. 1956; e “Forma, função e projeto geral”, **AD**, 24, jul./ago. 1957.

⁴ Em uma série de artigos publicados em **AA**, Artigas desenvolve a ideia, previamente publicada em **Fundamentos**, n.18, maio 1951, p. 8-9, de que “a arquitetura moderna, tal como a conhecemos, é um arma de opressão, arma da classe dominante; uma arma de opressores contra oprimidos”. (ARTIGAS, 1951 apud AMARAL, 1987, p. 293)

⁵ Max Bill, diretor da Escola de Ulm, defende os princípios racionalistas do ideário moderno e acusa a arquitetura brasileira, mais especificamente a de Niemeyer, de abusar da liberdade formal e não ter responsabilidade social, preferindo “ser fotogênica e espetacular que atender as necessidades funcionais”. Cf. BILL, Max. “O arquiteto, a arquitetura, a sociedade”. In: **Habitat**, n. 14, jan./fev. 1954, p. 26-27.

13º Seminário

do_co,mo,mo_
brasil

Salvador – BA
7 a 10 de outubro de 2019



Neste instante, os diretores Pevsner, James Richards e Gordon Cullen defendem uma versão mais humanizada do Movimento Moderno. Pevsner propõe uma nova atitude que reconhece o espírito do lugar e o valor da informalidade pitoresca. Por meio destes atributos se equaciona a produção brasileira em dois suplementos, denominados “Report on Brazil”, veiculados nas edições de outubro de 1950 e outubro de 1954. No primeiro deles, Alf Byden vislumbra, na arquitetura brasileira, a reabilitação do funcionalismo pela via da simplicidade, sendo o artigo ilustrado com fotos de obras de Reidy e Niemeyer. O segundo suplemento problematiza a produção brasileira sob múltiplos enfoques, em ensaios assinados por Ernesto Nathan Rogers, Hiroshi Ohye, Max Bill, Peter Craymer e pelo casal Ilse e Walter Gropius.

Nesta oportunidade, Max Bill reproduz o conteúdo de uma palestra ministrada na FAU/USP, anteriormente publicada na revista **Habitat** em janeiro de 1954. Ernesto Nathan Rogers publica parte do seu artigo “Pretextos para uma crítica não formalista”, veiculado pela italiana **Casabella** em fevereiro de 1954, confrontando as leituras sobre a produção arquitetônica brasileira lançadas por Bill e Giedion. Ilse Gropius abranda o tom dos ataques ao ponderar que não deveria ser plausível mesurar os supostos erros da arquitetura brasileira com uma régua suíça. Hiroshi Ohye e Peter Craymer exaltam a validade das pesquisas plásticas e nelas reconhecem uma possibilidade de contribuição para a arquitetura moderna. Walter Gropius, por sua vez, emite uma visão protocolar e bastante ponderada: seu ensaio assinala a adesão maciça do mercado imobiliário a um repertório formal renovado, sem que, por detrás das aparências, estivessem assegurados os princípios norteadores do racionalismo.

Meses antes, em março de 1954, **AR** havia apresentado três projetos residenciais de Sérgio Bernardes: as casas Hélio Cabal, Lota de Macedo Soares e Paulo Sampaio. O artigo evidencia a premiação de Bernardes na segunda Bienal e reitera as leituras previamente publicadas em diversos periódicos, especialmente em relação às questões técnicas e construtivas. A análise sobre a casa de Lota considera sua peculiar localização, no alto de uma colina, como o elemento definidor de sua peculiar tectônica, resultante da combinação de elementos industriais leves – treliças em alumínio e chapas corrugadas – e materiais disponíveis no local, consideravelmente pesados – tijolos e pedra. Entretanto, não se vislumbram, em tal análise, interlocuções com o raciocínio projetual de Lucio Costa e nem tampouco se sublinha a importância da assimilação das tecnologias construtivas vernaculares para a afirmação da arquitetura moderna brasileira.

A revista **Arquitetura e Engenharia**, fundada em 1946 por iniciativa do Instituto de Arquitetos do Brasil, Departamento de Minas Gerais, também concede espaço ao projeto de Bernardes na edição de novembro de 1954, quase um ano depois de ser exposto nos salões da segunda Bienal. Sua linha editorial, em princípio centrada na agenda de debates do IAB, pauta-se pela interlocução com o ideário expresso pela primeira geração de arquitetos modernos cariocas, reinterpretado pela atuação de Sylvio de Vasconcellos.

Apesar de não apresentar material iconográfico inédito, o artigo de **AE** se diferencia dos demais ao reproduzir a ata oficial do Júri de Premiação da segunda Bienal, assim formulado: “Sérgio Bernardes dá, na residência M. Carlota Macedo, o que nos parece um bom exemplo de combinação dos espaços abertos, cobertos e fechados, e um bom uso dos elementos leves do teto, muito aplicáveis às condições do clima local”. (ARQUITETURA E ENGENHARIA, 1954, p. 30)

A revista **Brasil Arquitetura Contemporânea** também inscreveu, em 1954, um artigo sobre a residência Lota de Macedo Soares. Fundada no Rio de Janeiro no ano anterior pelo arquiteto Gladson da Rocha, **BAC** conta com um prestigiado time de colaboradores, inicialmente composto por Affonso Reidy, Alcides Rocha Miranda, Joaquim Cardoso, José

13º Seminário

do_co|mo|mo_
brasil

Salvador – BA
7 a 10 de outubro de 2019



de Souza Reis, Quirino Campofiorito e Sérgio Bernardes, posteriormente ampliado com as presenças de Acácio Gil Borsoi, Álvaro Vital Brazil, Athos Bulcão, Cândido Portinari, Carmen Portinho, Henrique Mindlin, Joaquim Mattos, Lucio Costa, M.M.M. Roberto, Mário Barata, Rino Levi, Oscar Niemeyer, Siegfried Giedion e Walter Gropius, entre outros. Tal composição de nomes assinala um perfil bastante heterogêneo, em parte condicionado ao perfil do diretor de cada uma de suas onze edições, ainda que, em linhas gerais, seja possível identificar uma linha editorial preocupada em documentar e difundir a produção moderna brasileira, bem como rebater as críticas proferidas por Max Bill em relação ao excessivo formalismo da arquitetura brasileira.

Álvaro Vital Brazil e Henrique Mindlin compartilham a direção de arquitetura da revista quando da publicação do projeto de Bernardes, em edição dedicada à difundir projetos expostos na segunda Bienal, sobretudo os premiados. Em nota editorial não assinada, Brazil e Mindlin lamentam a concessão de poucos prêmios para proposições nacionais, possivelmente justificada pela composição do Júri de Premiação, formado por Alvar Aalto, Affonso Eduardo Reidy, Ernesto Nathan Rogers, Josep Lluís Sert, Lourival Gomes Machado, Oswaldo Arthur Bratke e Walter Gropius, configurando uma estreita aproximação com expoentes da primeira geração de modernos. Apesar dos esforços empreendidos para assegurar a difusão de uma diversificada amostra de ideias, o artigo de **BAC** reproduz *ipsis litteris* a mesma resenha crítica de **AD**, com uma honrosa contribuição: a inclusão de uma ilustração em fotomontagem que mescla uma perspectiva da fachada frontal da residência, feita à lápis, com uma fotografia de Michel Aertsens.

No recorte temporal selecionado, a última inserção da residência Lota de Macedo Soares ocorre em dezembro de 1963 na revista paulistana **Acrópole**, motivada pela organização da Sala Especial Sérgio Bernardes na VII Bienal. Fundada em 1938 sob direção de Roberto Correia Brito e amparado por conselhos técnicos estaduais, **AC** difunde obras de múltiplas vertentes, com predomínio quantitativo de projetos ecléticos em sua primeira fase. Eduardo Kneese de Mello, conselheiro e autor de diversos projetos veiculados pelo periódico, empreende uma campanha em prol da modernidade a partir da segunda metade da década de 1940. A situação se reverte na década seguinte, sem entretanto incorporar uma discussão sobre os problemas relacionados à arquitetura moderna e aos embates profissionais. Max Gruenwald torna-se o diretor geral da revista a partir de 1953 e empreende ampla reforma editorial, sustentada pelos principais colaboradores da revista, quase todos atuantes em São Paulo: Carlos Cardim Filho, Carlos Lemos, Carlos Lodi, Eduardo Corona, Henrique Mindlin, José Vicente Vicari e Zenon Lotufo.

O artigo [não assinado] apresenta um apanhado de projetos de uso habitacional – residências Guilherme Brandi, Helio Cabal, Henri Hoyer, João Dantas, Joaquim de Lima, Lota de Macedo Soares e Paulo Sampaio, colocando em destaque a residência do arquiteto na Gávea [mais precisamente na encosta do Vidigal]; o conjunto de apartamentos Casa Alta, no bairro carioca do Botafogo; um conjunto residencial operário para a cidade de São Bernardo do Campo; e um estudo para um aeroporto intercontinental. Também são evidenciadas proposições no campo do design de produtos (automóvel) e de elementos construtivos (cobertura, forro, piso, vedações). As legendas das fotografias ressaltam as distinções recebidas em concursos públicos e exposições de arquitetura, entre as quais se assinala o prêmio recebido pela residência Lota de Macedo Soares na segunda Bienal.

A redação do artigo denota esforço para captar o espírito inventivo do homenageado, sem reduzir a análise aos preceitos técnicos difundidos em outros periódicos. Para tanto, a matéria é aberta com um poema-manifesto assinado pelo próprio Bernardes:



O poder humano
de criação
é inesgotável
e desenvolve-se,
por soma de conhecimentos,
numa progressão fantástica,
gerando
um mundo tecnológico.

Esse desenvolvimento
é tão forte que,
muitas vezes,
suplanta ao próprio homem.

É privilégio
do arquiteto
estabelecer,
através de sua sensibilidade,
o equilíbrio
entre a tecnologia e o homem. (BERNARDES, 1963, p. 1)

“Sensibilidade”

Em Bishop, o estudo da arquitetura e, sobretudo, a interação desta com a paisagem, constitui um foco de interesse que se manifesta desde os seus primeiros escritos⁶. Apesar de nunca ter exercido atividade crítica profissional, expressa considerações sobre o tema em algumas ocasiões, entre as quais se inscreve a tradução da introdução e dos comentários técnicos de **Modern Architecture in Brazil** (1956) e a escrita de **Brazil** (1962), por solicitação da editora norte-americana Time-Life, para coleção Life World Library⁷.

No primeiro exemplo, Bishop é contratada por Henrique Mindlin, amigo próximo de Lota. Não obstante o fato de trabalhar em parceria com o autor, a norte-americana confidencia, em carta endereçada à Anne Stevenson, em 1964, não ter ficado satisfeita com o resultado final: “tentei melhorar a introdução que o autor escreveu, mas não tive muito sucesso” (Cf. Bishop 2014: 282). Elaborado com o intuito de complementar o inventário de obras reunidas no catálogo **Brazil Builds**, organizado por ocasião da mostra homônima realizada em 1943 no Museu de Arte Moderna de Nova York, o compêndio de Mindlin corrobora a trama historiográfica traçada por Philip Goodwin, na medida que concede à geração heroica carioca, associada ao projeto do Ministério da Educação e Saúde Pública, o primado pela afirmação da arquitetura moderna no Brasil. E mais uma vez desconsidera ou minimiza as interlocuções estabelecidas com expressões dissonantes ao ideário corbuseriano.

MAB inclui um verbete sobre a residência Lota de Macedo Soares. Nele, o projeto de Sérgio Bernardes, agraciado com um prêmio na II Bienal do Museu de Arte Moderna de São Paulo (1953/1954), é apresentado a partir dos seus elementos compositivos, ressaltando-se a inserção no terreno, a organização setorial em alas e a solução técnica empregada para estruturar o apoio da cobertura em alumínio ondulado.

⁶ Todas as traduções da obra de Bishop reproduzidas neste artigo são de autoria de Paulo Henriques Britto.

⁷ Dividido em dez capítulos, o livro **Brazil** aborda um variado leque de assuntos, abrangendo temas culturais, geográficos, históricos, políticos e sociais. A discussão sobre arquitetura compõe o cerne das problematizações sobre Brasília e ponto de reflexão em um capítulo dedicado às artes.



Em contrapartida, os apontamentos de Mindlin (1999, p. 78) apenas resvalam na caracterização do programa de necessidades, organizado para “acolher convidados frequentes, geralmente do mundo das artes, tanto brasileiros, quanto estrangeiros”. O texto também não problematiza a peculiar construção de uma residência isolada, sem luz elétrica, no alto de uma colina, e nem sequer menciona o nome de Elizabeth Bishop como residente, possivelmente para preservar a sexualidade de Lota, descrita como uma “jovem com interesses culturais e artísticos e com gosto pela vida no campo”.

A narrativa de Mindlin poderia valorizar o caráter inovador das soluções construtivas, testemunhado por Bishop em correspondências que descrevem percalços surgidos no canteiro de obras: “foi só quando ela [Lota] disse a eles [operários] que ia ficar igual a uma construção carnavalesca [a estrutura da cobertura] que eles puseram mãos à obra – gostaram da ideia”⁸. Um outro extrato aponta os desentendimentos gerados pela construção de uma estufa desenhada pela proprietária:

[...] o homem [serralheiro] jura que não vai funcionar, e ele e a Lota brigam todos os dias por causa da estufa, uma gritaria feia [...]. Tive que ir lá pessoalmente, fazer desenhos e jurar que morei no Canadá a vida inteira e entendia muito de estufas para conseguir que ele refizesse tudo. (Carta a Pearl Kazin em julho de 1953. Cf. BISHOP, 2012, p. 280)

Em contraposição ao teor das narrativas difundidas pelos primeiros compêndios de arquitetura, os escritos produzidos por Bishop, especialmente cartas e poemas, ponderam sobre questões relacionadas à forma, técnica e paisagem de um modo decididamente subjetivo. São exemplares, nesse sentido, os relatos sobre o Rio de Janeiro, Petrópolis e Brasília, além das narrativas produzidas sobre as suas moradas na capital e na serra.

Bishop reitera em diversos escritos sua preferência pela residência de Petrópolis, não apenas em consideração às qualidades do projeto arquitetônico, mas principalmente pela sensação de liberdade possibilitada pelo isolamento da metrópole e dos seus habitantes. Nesses textos, a residência serrana é mais prontamente identificada como o lar da poeta: ali se constrói um refúgio, em sentido literal e figurado; ali se estabelece uma conexão visceral com o clima e com a natureza, incluindo-se os elementos animais, vegetais e minerais.

Além disso, a altitude não apenas ameniza o rigor das temperaturas dos trópicos, como também evoca lembranças de sua infância canadense. Não por acaso, contribui para expurgar suas dores, tornando mais arguto o olhar de alguém que se dispõe a descobrir a imensidão do mundo, sem culpas nem obrigações urgentes. Em carta endereçada a James Merrill em março de 1955, Bishop confidencia:

Sim, onde eu moro é tão bonito quanto uma selva de Rousseau, mas bem menos exuberante e mais inóspito, a uns oitenta quilômetros do Rio, e muito mais perpendicular. Como o Pão de Açúcar na baía de Guanabara, só que são muitos deles, muito maiores, longe do mar – com nuvens despencando dos cumes às vezes, e cascatas que surgem e somem dependendo das condições meteorológicas [...] As coisas aqui também são um tanto fora de escala, como num quadro de Rousseau – ou, pelo menos, fora da nossa escala. A ‘Samambaia’ mencionada no cabeçalho [da carta] é uma samambaia gigantesca, do tamanho de uma árvore, e tem também sapos do tamanho de um chapéu, e caracóis do tamanho de pratos de sobremesa, e neste mês borboletas da cor desta página, algumas quase do tamanho dela, a esvoaçar...[...] Paisagens à parte, gosto muito de viver aqui, moro numa casa muito boa e tenho bons amigos. (Cf. BISHOP, 2012, p. 320)

⁸ Carta a Anny Baumann em dezembro de 1952. Cf. Bishop 2012: 259



Se para Bishop a interação com o ambiente se estabelece como ingrediente para a afirmação de sua existência libertária, dissonante do padrão heteronormativo, não surpreende constatar que a paisagem adquire importância capital nos seus escritos poéticos, deixando de ser apenas um cenário para emoldurar as ações do cotidiano. Assim pode ser examinado “Canção do tempo das chuvas”, poema que entoia a atmosfera da selva de Rousseau apontada anteriormente. Nele se vislumbram fragmentos de um cotidiano idílico, revelados em imagens impregnadas de uma sensualidade delicada, fluida, deliberadamente intimista.

Canção do tempo das chuvas

Oculto, oculto,
na névoa, na nuvem,
a casa que é nossa,
sob a rocha magnética,
exposta a chuva e arco-íris,
onde pousam corujas
e brotam bromélias
negras de sangue, líquens
e a felpa das cascatas,
vizinhas, íntimas.

Numa obscura era
de água
o riacho canta de dentro
da caixa torácica
das samambaias gigantes;
por entre a mata grossa
o vapor sobe, sem esforço,
e vira para trás, e envolve
rocha e casa
numa nuvem só nossa.

À noite, no telhado,
gotas cegas escorrem,
e a coruja canta sua copla
e nos prova
que sabe contar:
cinco vezes – sempre cinco –
bate o pé e decola
atrás das rãs gordas, que
coaxam de amor
em plena cópula.

Casa, casa aberta
para o orvalho branco
e a alvorada cor
de leite, doce à vista;
para o convívio franco
com lesma, traça,
camundongo
e mariposas grandes;
com uma parede para o mapa
ignorante do bolor;

escurecida e manchada
pelo toque cálido
e morno do hálito,



maculada, querida,
alegra-te! Que em outra era
tudo será diferente.
(Ah diferença que mata,
ou intimida, boa parte
da nossa mínima, humilde
vida!) Sem água

a grande rocha ficará
desmagnetizada, nua
de arco-íris e chuva,
e o ar que acaricia
e a neblina
desaparecerão;
as corujas irão embora,
e todas as cascatas
hão de murchar ao sol
do eterno verão. (BISHOP, 1999, p. 94-99)

Inscrita em um tempo hipotético, “numa obscura era”, o refúgio da poeta se oculta sob a névoa, mas em contrapartida se abre para harmoniosamente congregar elementos minerais (a rocha magnética), vegetais (samambaias gigantes, bromélias negras de sangue e líquens), e animais (corujas, mariposas, lesmas, traças). Bishop exalta o admiravelmente grande e o diminuto, a “alvorada cor de leite”, os aromas carregados “pelo toque cálido/ e morno do hálito” e o sexo das rãs gordas, que “coaxam de amor/ em plena cópula”. Ali tudo se sublima: “o vapor sobe sem esforço/ e vira para trás e envolve/ rocha e casa/ numa nuvem só nossa”.

Nas últimas estrofes, Bishop adverte que o ambiente auspicioso do seu paraíso particular é circunstancial e necessariamente contingente, dependente de um constante ingrediente: a paixão. “Alegra-te! Que em outra era/ tudo será diferente”: “Sem água”, a rocha ficará exposta, “nua”, perderá o seu magnetismo. “As corujas irão embora”, as cascatas “murcharão sob o sol” escaldante do “eterno verão”. Valendo-se de elementos metafóricos – água e sol –, essenciais à conservação da vida na Terra, Bishop reafirma a efemeridade “da nossa mínima, humilde/ vida!”.

“Canção do tempo das chuvas” propõe uma indubitável aproximação entre corpo, casa e natureza, mesclados em um único organismo, intenso e pulsante. Em uma casa de vidro, aberta para o céu, Bishop respeita a finitude e os desejos do seu corpo, liberta das amarras de qualquer convenção social. Nessa espécie de mergulho introspectivo, paradoxalmente feito de dentro para fora, a poeta corrobora uma conhecida proposição de Benjamin (1987, p. 24): “viver numa casa de vidro é uma virtude revolucionária por excelência”.

Mas em contraste com o exposto, o ideário de leveza e o de transparência evocados pela utilização do vidro também aludem à ideia de ausência de vestígios e à perda da experiência, conforme adverte Benjamin em “Experiência e pobreza” (1987, p. 117-118) por meio da seguinte indagação: “Será que homens como Scheerbart sonham com edifícios de vidro porque professam uma nova pobreza?” Ao ponderar sobre a exaltação da modernidade lançada pelo literato em “Glass Architecture”, Benjamin adverte para os perigos de uma corrida desenfreada em busca de inovação e questiona se tal atitude prenuncia o advento de uma nova cultura, na qual a humanidade anseia por uma “existência inteiramente simples e absolutamente grandiosa”.

Benjamin por esse viés não renega a arquitetura de vidro: de acordo com a avaliação de alguns comentadores, a exemplo de Caio Yurgel (2012, p. 148), isso poderia “contradizer



uma visão de história calcada na possibilidade de redenção”. Além disso, descartaria apressadamente o advento de “um mundo neutro, despojado, com menos privilégios certamente, mas talvez, com mais nitidez”, conforme sentença Jeanne Marie Gagnebin (2009, p. 60).

Sem pretender chegar a um ponto conclusivo acerca das ponderações de Benjamin sobre a modernidade – algo que transcende os objetivos deste trabalho – cabe aqui mencionar as enunciações de Benjamin e Scheerbart para nelas apontar a arquitetura de vidro como instrumento de aproximação do homem com o cosmo, capaz de projetar o seu mundo particular na infinitude do universo. Valendo-se de tal prerrogativa, a casa de vidro rompe os paradigmas de estaticidade e encerramento da arquitetura passadista para assim alcançar um patamar mais elevado, no qual a ruptura proporcionada pela transparência pode exibir “a luz do sol e as estrelas, não meramente através de poucas janelas, mas por meio de paredes feitas inteiramente de vidro.” (SCHEERBART, 1972, p. 41).

Bishop viveu em uma casa aberta, envolta em nuvens e acariciada pela neblina. Ali passou dias felizes; libertou-se temporariamente dos efeitos da bebida e sorveu um outro tipo de embriaguez, descrita por Benjamin (1987, p. 24) como um “exibicionismo moral extremamente necessário”. Em um pequeno estúdio, Bishop entregou-se ao ócio e valendo-se desta demora produziu grande parte dos seus escritos, desfrutando o amor de Lota e a companhia dos seus cachorros, do tucano Sammy e do gato Tobias.

Referências

- AMARAL, Aracy. **Arte para que? a preocupação social na arte brasileira 1930-1970**: subsídios para uma história social da arte no Brasil 2ª ed. São Paulo: Nobel, 1987.
- ANASTÁCIO, Sílvia. **O jogo das imagens do universo da criação de Elizabeth Bishop**. São Paulo: Annablume, 2009.
- BARRENTO, João. **Límiars sobre Walter Benjamin**. Florianópolis: UFSC, 2013.
- _____. Walter Benjamin: limiar, fronteira e método. In: **Olho d'água**, São José do Rio Preto, v. 4, n. 2, jul./dez. 2012, p. 41-51. Disponível em <<http://www.olhodagua.ibilce.unesp.br/index.php/Olhodagua/article/viewFile/146/168>>. Acesso em 22 fev. 2019.
- BENEVOLO, Leonardo. **História da arquitetura moderna** 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura 3ª ed. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- _____. **Passagens de Walter Benjamin**. Tradução Irene Aron e Cleonice Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2007.
- BISHOP, Elizabeth. **Brazil**. London: The Sunday Times, 1963.
- _____. **Poemas do Brasil**. Tradução Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- _____. **Uma arte**: as cartas de Elizabeth Bishop. Tradução Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- BOLLE, Willi. **Fisiognomia da metrópole moderna**: representação da metrópole moderna em Walter Benjamin 2ª ed. São Paulo: Edusp, 2000.
- BRESIL, maison a Petropolis. In: **L'Architecture d'Aujourd'Hui**, n. 24, out. 1953, p. 99.
- COSTA, Alex Santana. **A arte de (des)colonizar**: retratos do Brasil em poemas e cartas de Elizabeth Bishop. Porto Velho: Fundação Universidade Federal de Rondônia, 2013 [dissertação de Mestrado]



FERREIRA, Armando Olivetti. **Recortes na paisagem: uma leitura de Brazil e outros textos de Elizabeth Bishop.** São Paulo: FFLCH/USP, 2008. [tese de doutorado]

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e narração em Walter Benjamin.** São Paulo: Perspectiva, 2009.

GONÇALVES, Osvaldo Correa. Arquiteturas de Sérgio Bernardes. In: **Habitat**, n. 7, abr./jun. 1952, p. 11-17.

HABITATION aux environs de Petropolis. In: **L'Architecture d'Aujourd'Hui**, n. 42-43, ago. 1952, p. 70-71.

HERBST, Helio. **Pelos salões das bienais, a arquitetura ausente dos manuais: contribuições para a historiografia (1951-1959).** São Paulo: Annablume: Fapesp, 2011.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária.** São Paulo: Ática, 1994.

LORDELLO, Eliane. Paisagens epistolares. A paisagem na correspondência de Elizabeth Bishop. In: **Arquitextos**, São Paulo, ano 15, nº 178.04, 2015. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/15.178/5497>>. Acesso em 13 mar. 2019.

MINDLIN, Henrique. **Arquitetura moderna no Brasil.** Rio de Janeiro: Aeroplano, 1999.

MIRANDA, Clara Luiza. **A crítica nas revistas de arquitetura nos anos 50: a expressão plástica e a síntese das artes.** São Carlos: EESC/USP, 1998 [dissertação de mestrado]

MONTANER, Josep Maria. **Arquitectura y crítica** 2ª ed. Barcelona: Gustavo Gili, 2000.

NOGUEIRA, Nádía. **Lota Macedo Soares e Elizabeth Bishop: amores e desencontros no Rio dos Anos 1950-1960.** Campinas: IFCH/Unicamp, 2005. [tese de doutorado]

PRZYBYCIEN, Regina. **Feijão preto e diamantes: o Brasil na obra de Elizabeth Bishop.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.

RESIDENCIA de Carlota Macedo Soares – Petrópolis – Estado do Rio. In: **Brasil Arquitetura Contemporânea**, 1954, p. 14-16.

RESIDENCIA em Petrópolis. Arquiteto Sergio Bernardes. In: **AD Arquitetura e Decoração**, n. 9, jan./fev. 1955.

RESIDENCIA na Fazenda Samambaia – Petropolis. In: **Arquitetura e Engenharia**, n. 29, nov./dez. 1954, p.

SHEERBART, Paul. Glass Architecture. In: SHEERBART, Paul; TAUT, Bruno. **Glass Architecture and Alpine Architecture.** New York: Praeger, 1972. Disponível em: <<https://hts3.files.wordpress.com/2010/12/scheerbart-glass-architecture.pdf>>. Acesso em 18 jan. 2019.

STUCCHI, Fabiana Terenzi. **Revista Habitat: um olhar moderno sobre os anos 50 em São Paulo.** São Paulo: FAU/USP, 2006. [dissertação de mestrado]

THREE houses by Sergio Bernardes. In: **The Architectural Review**, n. 687, mar. 1954, p. 162-167.

TINEM, Nelci. **O alvo do olhar estrangeiro: o Brasil na historiografia da arquitetura moderna** 2a ed. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2006.

VIEIRA, Miriam. **Dimensões da éfrase: a presença da pintura e da arquitetura em romances de artista.** Belo Horizonte: UFMG, 2016. [tese de doutorado]

YURGEL, Caio. Apaguem os rastros: Walter Benjamin, arquitetura, história e literatura. In: **Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários**, Londrina, vol. 24, dez. 2012, p. 140-150. Disponível em <http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa/g_pdf/vol24/TRvol24I.pdf> Acesso em 13 mar. 2019.